

O VIOLÃO DO BRASIL NO SÉCULO XX: O LEGADO DE RAPHAEL RABELLO ¹

Marcos César Santos Silva²

Resumo

O escopo do artigo é discutir a obra e contribuição do violonista Raphael Rabello para o violão e a música popular brasileira, a partir de uma contextualização histórica e circunstanciada. A obra de Raphael Rabello é analisada através de suas criações técnicas híbridas para o violão de seis e de sete cordas, além da contribuição da inserção do violão de sete cordas nas salas de concerto.

Palavras – chave: Violão; Violonistas do Século XX; Raphael Rabello.

Epígrafe

Raphael cara de anjo, mãos de gênio, alma da gente. Amigo que se foi sem autorização. Infrator da vida. Meu irmão. (Betinho, 1995)

1. Introdução

Raphael Rabello consolida uma nova era para o violão brasileiro, desde as possibilidades de novas técnicas até conceitos estéticos. O violonista traz influências pertinentes de seus transcendentos antecessores, e recria, a partir de sua genialidade, um novo violão de seis e sete cordas, se consolidando como um dos maiores expoentes em todos os tempos.

Apesar de ter vivido apenas 32 anos, Rabello vivencia a música em sua plenitude. Dotado de talento e disciplina, deixou um legado indiscutível para o violão brasileiro, com seu estilo e repertório até então pouco explorado. Muitas de suas gravações são consideradas antológicas e até hoje servem como referência para todo violonista.

O objetivo do artigo é informar aos músicos e educadores musicais a relevância do violonista Raphael Rabello, através de seu legado. Rabello é a

¹ Artigo elaborado como forma de avaliação parcial da disciplina (TCC), Trabalho de conclusão de curso sob a orientação do professor doutorando Armando Castro, e em especial ao meu co-orientador Luciano Machado, Dr. em Engenharia Aeroespacial pelo Texas A&M University (EUA).

² Graduando no curso de Licenciatura em Música da Universidade Católica do Salvador 2010.
E-mail: marcosviolao_ba@hotmail.com

continuação de uma dinastia iniciada no século XX, e que se corrobora na atualidade com uma das maiores escolas de violão do Mundo.

Apesar das dificuldades existentes na educação musical do país, o artigo preocupou-se em preservar a contribuição artística de Rabello, podendo o educador musical, inserir e interdisciplinar nas escolas a contribuição incomensurável do violonista, fomentando sobremaneira, a cultura.

Este artigo está dividido em 10 seções. A seção 2 apresenta uma breve discussão sobre sua biografia, discografia e as bases familiares de Raphael Rabello que o influenciaram a se tornar um violonista. Uma breve história do violão brasileiro é apresentada na seção 3, onde são discutidos os principais precursores do violão brasileiro e também suas influências no desenvolvimento do instrumento e na obra de Rabello. A seção 4 discute a contribuição técnica de Raphael Rabello, a originalidade de seus arranjos e as influências flamencas. O seu violão de sete cordas é avaliado na seção 5, enquanto que a seção 6 apresenta o Rafael como compositor e o idiomatismo de seus arranjos. As influências de Rabello em escolas de choro e violonistas órfãos são tratadas na seção 7. As considerações finais e obra autoral são apresentadas respectivamente nas seções 8 e 9. Concluimos com as referências bibliográficas na seção 10. Além disso, a elaboração do artigo contou com uma pesquisa de campo, capas e contracapas de cd's, videos e aplicação de uma entrevista semi-estruturada de Luciana Rabello, cavaquinista e irmã de Rabello.

2. A Biografia e Discografia de Raphael Rabello

Rafael Baptista Rabello, que posteriormente adotou o nome artístico de "Raphael Rabello", nasceu em 31 de outubro de 1962 em Petrópolis (Rio de Janeiro). Ele era o caçula de uma família numerosa e com grande vocação musical. Seus avôs José Queiroz Baptista (materno) e Flaviano Lins Rabello (paterno) também eram músicos e tocavam violão, sendo que Sr. José foi o primeiro professor de música dos seus nove netos. Nessa época, enquanto seus irmãos aprendiam música com Sr. José, o menino Raphael, pegava o

violão às escondidas e estudava sozinho, conforme conta Luciana Rabello. Um dia, em uma reunião familiar, o garoto com aproximadamente 8 anos surpreendeu a todos tocando Brejeiro de Ernesto Nazareth. Nesta época só os irmãos Fabiano e Luciana sabiam que Raphael começara a aprender violão sozinho.

A partir de então, começa a ter aulas informais com seu irmão Ruy Fabiano e mais tarde com violonista Rick Ventura, amigo da família, essas aulas são mais do ponto de vista da intuição e observação de Rabello, e perduram até seus 11 anos.

[...] Aos poucos, sua intuição para o acompanhamento foi desabrochando de uma forma surpreendente. (...) Por volta dos 10 anos de idade, Raphael se apaixonou perdidamente pelo disco 'Vibrações', do Época de Ouro – de Jacob do Bandolim. Encantava-lhe especialmente o violão de Dino, a tal ponto que muitas vezes ele vinha à minha casa só para ficar ouvindo o disco. De tanto ouvir, quase gastou todo o vinil, tornando precária em poucos dias a sua audição. O resultado é que Raphael conseguiu, em menos de duas semanas acompanhar todo o disco imitando o violão de Dino com todas as notas a que tinha direito. Em mais algumas semanas já estava fazendo suas próprias variações. Quanto ao repertório que eu havia passado pessoalmente e ele nessa época, poucos meses depois já conseguia me superar visivelmente. Acredito que se pudéssemos trazê-lo de volta hoje, com seus 10 anos de idade, faria qualquer violonista ficar boquiaberto, não só com a sua competência técnica, como a sua maturidade musical que demonstrava em suas interpretações (VENTURA *apud* BORGES, 2008, pg 99)

Em 1974, por indicação do bandolinista Deo Rian, Raphael começa a ter aula de violão com Jayme Florence, conhecido como "Meira", que também tinha sido professor de violonistas como Baden Powell, João de Aquino e Maurício Carrilho. Meira começa a ensinar Rabello por métodos clássicos da literatura universal do violão, explorando compositores como Francisco Tárrega, Agustín Barrios, etc. A primeira música que Meira o ensinou, foi o Choro da Saudade, de Barrios, conforme conta o próprio Rabello no Programa Ensaio da TV Cultura. É importante mencionar que, além do estudo de peças do violão erudito, Meira, também orientava os alunos a tocar os encadeamentos harmônicos em qualquer tonalidade, fomentando o choro que sedimentaria a formação de Rabello.

A carreira profissional de Raphael começou bem cedo. Quando tinha aproximadamente 14 anos, em 1975, ele e sua irmã Luciana criam o grupo "Os

Carioquinhos”, e já tocando em violão de 7 cordas (totalmente influenciado por Dino, até na maneira de andar, e de se vestir). Além do próprio Raphael (violão de 7 cordas) e de sua irmã Luciana (cavaquinho), o grupo era formado por Paulo Magalhães Alves (bandolim), Mario Florêncio (pandeiro) e Téo Oliveira (violão de 6) - depois Téo é substituído por Mauricio Carrilho e Celsinho Silva assume o pandeiro passando Mario para a percussão.

Achava que aquilo era uma brincadeira, uma coisa que ia passar. Só me dei conta de sua grandeza quando o Paulinho começou a dizer: Lila, o seu irmão é um gênio. (Lila Rabello *apud* Souza, 1991, p.12)

Os Carioquinhos gravaram apenas um álbum, em 1977, intitulado “Os Carioquinhos no Choro”, onde umas das faixas, “Gadu namorando” de Lalau e Alcyr Pires Vermelho, fora incluída na trilha sonora da novela “A Sucessora” 1978 da TV Globo. Ainda no ano de 1977, Rabello é apresentado por Hermínio Belo de Carvalho ao violonista Turíbio Santos³, que logo o integra ao seu grupo que gravaria o LP Choros do Brasil com produção do próprio Hermínio, editado também na Europa.

Com o desfecho dos carioquinhos em 1979, Rabello sugere que Joel Nascimento⁴ convença Radamés Gnattali a transcrever para pequeno conjunto sua famosa “Suíte Retratos”⁵, que foi composta originalmente para concerto de bandolim e, dedicado a Jacob do bandolim. Gnattali atende ao pedido e nasce o conjunto “Camerata Carioca” batizado por Hermínio Belo de Carvalho. Assim, Joel Nascimento aproveitou a maioria dos integrantes dos Carioquinhos: Luciana Rabello (cavaquinho), Joel Nascimento (bandolim), Maurício Carrilho e

³ Turíbio Santos já era um violonista bastante reconhecido internacionalmente quando convidou Raphael para participar da gravação deste disco. Em 1965, Turíbio Santos conquistara o 1º Prêmio no VII Concurso Internacional de Guitarra da ORTF (Office de Radiodiffusion et Television Française) em Paris (SANTOS, 2010).

⁴ Músico, compositor bandolinista de choro. Nasceu no Rio de Janeiro em 1937.

⁵ Suíte, palavra de origem francesa que significa série ou sucessão. Em música, é designada como sucessão de peças em andamentos contrastantes. A “Suíte Retratos”, é composta de quatro movimentos: 1º Pixinguinha - Choro, 2º Ernesto Nazareth - Valsa, 3º Anacleto de Medeiros - Schottisch e 4º Chiquinha Gonzaga – Corta-jaca.

Luis Otávio Braga, posteriormente substituído por João Pedro Borges⁶ (violões de seis cordas), Raphael Rabello (Violão de 7 cordas) e Celso Silva (percussão).

Em agosto de 1979, sob a direção do próprio Hermínio, o conjunto apresenta no Rio de Janeiro, o show “Tributo a Jacob do bandolim”, na passagem dos dez anos de morte do bandolinista. No mesmo ano, é lançado em disco a Suíte retratos, e seis composições de Jacob com a participação de Radamés ao piano.

Segundo Luís Otávio Braga (entrevista concedida, 2008 a Fabiano Borges), o contato com Gnattali durante os seis anos da Camerata Carioca, foi emblemático para todos os integrantes, e foi justamente por meio desse contato, que Rabello consolidou uma forte relação musical com Gnattali. (BORGES, pg 100).

[...] Radamés era... Foi super legal, super, ensinou tudo pra mim e pra todo mundo que chegava perto dele, ele era generoso né, ele era um humanista praticamente, todo mundo que se aproximava, ele ajudava e... Várias gerações, desde Tom Jobim até... Raphael Rabello completa Jô Soares. (Raphael Rabello no Programa “Jô Soares Onze Meia” 1990).

Ainda em 1979, Rabello começa a gravar para diversos artistas da música popular brasileira, como Caetano Veloso, Djavan, Cazuza, Leila Pinheiro, Adriana Calcanhoto, Nelson Gonçalves, Elizeth Cardoso, Gal Costa e Ney Matogrosso, João Bosco, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Paulinho da Viola, Chico Buarque, Maria Bethania, Gilberto Gil, entre outros, contabilizando mais de quatrocentas gravações.

...Raphael Rabello tinha uma característica que o fazia ser muito solicitado para gravações de estúdio: ele fazia as gravações de primeira. “Como os músicos eram pagos pelo período que ficavam no estúdio, ele costumava entrar para gravar o violão de um disco inteiro” [...] (LUCIANA RABELLO, REVISTA VIOLÃOPRO n° 27 pg 19).

⁶ Turíbio Santos (entrevista concedida, BORGES, 2008) ressalta que, após as turnês, João Pedro Borges ministrava aulas de teoria e ensinava música erudita a Raphael Rabello. Turíbio assevera: “nós fomos uma influência muito importante para ele se transformar num solista e para ele assimilar essa condição de solista que ele tinha e que era maravilhosa, espetacular, genial...”.

Em 1981, recebe o prêmio de melhor violonista pela Associação Brasileira de Produtores de Discos (Prêmio Vinicius de Moraes) e também pelo corpo de críticos da revista Playboy.

O primeiro disco solo de Raphael Rabello foi lançado em 1982 pela Polygram, intitulado, “Rafael Sete Cordas”. Além de clássicos do choro como Sons de Carrilhões, e Interrogando de João Pernambuco, Garoto de Tom Jobim e Choro da Saudade de Agustín Barrios, este disco conta ainda com uma composição do próprio Raphael, Sete Cordas. Além disso, destaca-se a complexa execução da música “O Vôo da mosca” de Jacob do bandolim. No mesmo ano, Raphael e Radamés Gnattali, gravam o disco “Tributo a Garoto” com composições do próprio Garoto e a redução para piano e violão do Concertino n° 2 de Radamés, composto originalmente para violão e orquestra.

A carreira internacional de Raphael decola, ainda na década de 80, e ele se apresenta em diversos palcos nos Estados Unidos, Canadá, México, Chile, Argentina e vários países da Europa.

No ano 1987, homenageia seu mestre Radamés com composições do próprio, ao lançar, “Rafael Rabello interpreta Radamés Gnattali”. O disco intitulado, “Rafael Rabello”, é lançado em 1988, com participações de Dino 7 Cordas, Dininho e Chiquinho do Acordeon. Vale à pena salientar o arranjo que Raphael fez para a música “Lamentos do Morro⁷”, de Garoto, tornou-se uma referência para todo violonista.

Em 1989, Rabello sofre um grave acidente a bordo de um taxi no bairro do Leblon (Rio de Janeiro), causando fraturas múltiplas em seu braço direito que o levou a uma cirurgia complicada, na qual implantou nove pinos em seu braço direito. O médico deu um ano para voltar a tocar, entretanto, em quatro meses ele surpreende a todos ao aparecer em turnê com Elizeth Cardoso. O trabalho em duo com Elizeth Cardoso gerou o disco “Todo o Sentimento”,

⁷ Lamentos do morro: Samba composto nos anos 40 em que Rabello se tornou uma espécie de co-autor. Rabello introduz afinação da 6ª corda em Ré, uso do dedo mínimo da mão direita, baixos em alta velocidade na introdução através dos dedos polegar e indicador da mão direita, melodia principal oitavada, improvisos etc...

gravado em 1989. Contudo, este disco só foi lançado em 1991, um ano depois da morte da cantora.

A carreira de Raphael Rabello também foi bastante produtiva na década de 1990. Com Ney Matogrosso gravou em 1990, uma antologia para voz e violão, o disco “À flor da pele”, apresentando-se por todo o Brasil.

Já em 1991, ao lado de Chiquinho do Acordeon e Dininho no violão baixo, lançou disco “Radamés Gnattali Retratos.

No mesmo ano, Rabello cede o violão de 7 cordas acompanhador para seu grande ídolo Dino 7 Cordas, e toca no violão de 6 e também 7 cordas para gravação do álbum histórico, intitulado, “Raphael Rabello e Dino 7 Cordas”. Esta foi à primeira vez em 56 anos de carreira, que o Dino tem o seu nome na capa de um disco.

Quando vi o Dino tocar, tive certeza do que eu queria fazer em música. Tive certeza que eu queria tocar violão; acabaram-se as dúvidas. Eu mudei minha vida. Quis ser igual a ele, me vestir igual a ele; foi a única maneira de mergulhar culturalmente naquilo e aprender, porque é uma escola que não está escrita e na hora me deu um estalo: isso aí vai morrer com eles; um troço tão genial, tão único, uma maneira de pensar harmonia e baixo cantado, um tipo de harmonização que já não existe mais. Eu tenho mais é que sugar esse troço. Comecei a andar com o Dino, que me pegava aos finais de semana em casa e me levava para o choro. Fiquei tendo esse tipo de aula. Ele me deu muita força e eu fiquei sendo o cara que ia continuar o negócio dele. Me dediquei inteiramente ao Dino por muitos anos; uns 15 anos; me dediquei a estudar tudo o que ele fez: a saber tudo o que ele sabia. Hoje em dia, eu e ele é uma coisa só; meu trabalho, mesmo solando, tem influência do Dino. A inflexão é igual, o sotaque... (RABELLO *apud* TABORDA *apud* BORGES, 1995, p.69199).

Rabello realiza um sonho de dez anos de pesquisa ao lançar em 1992, “Todos os Tons”, um álbum dedicado a Tom Jobim, com participação de músicos como: Paco de Lucia⁸, Leo Gandelman, Nico Assumpção, Paulo Moura, Jaques Morelembaum e, inclusive o próprio Tom Jobim. Segundo Rabello, um trabalho que contou com apoio do próprio Tom, ele fazia as

⁸ "O melhor violonista que eu já ouvi em anos. Ele ultrapassou as limitações técnicas do violão, e sua música vinha progressivamente de sua alma, diretamente para os corações de quem o admirava." — (Lucia) 1987.

transcrições e o mostrava, porque não queria mudar o caráter de sua música, deixando-a na linguagem do violão.

O álbum foi elogiado pelo próprio Jobim que considerava o violonista como um dos maiores músicos de todos os tempos. "Tudo o que Rafael faz é sensacional. Ele é um gênio do violão, um cometa musical desses que aparecem uma vez a cada século. (JOBIM, 1991, pg 33)

[...] Tom representa o seguimento de uma dinastia na música brasileira dos neo-nacionalistas contemporâneos que começou com Villa-Lobos, seguiu com Radamés Gnattali e vem seguindo agora com o Tom [...] (Raphael Rabello em entrevista ao Programa Metrópolis 1993).

Ainda 1992, ao lado do violonista Romero Lubambo, grava em Nova York, o disco "Shades of Rio". Voltando ao Brasil, no mesmo ano, Rabello grava mais uma vez em duo, o disco "Dois irmãos", com o clarinetista Paulo Moura, recebendo em 1993, o prêmio "Sharp"⁹ de melhor disco instrumental.

Em 1993, com o bandolinista Déo Rian, lança o disco "Delicatesse"¹⁰, composto de músicas eruditas. Ainda neste ano, apresenta-se em São Paulo, no Projeto Brasil Musical, dividindo show com Armandinho Macedo. Rabello é acompanhado por Luciana Rabello, Maurício Carrilho, Wilson das Neves e Dininho. O show foi lançado em cd no ano de 1996 pela "Série Música Viva".

O álbum "Relendo Dilermando Reis", com composições e músicas que ficaram conhecidas com próprio Dilermando, foi lançado em 1994, recebendo outra vez o prêmio Sharp. No mesmo ano Rabello e Armandinho Macedo, apresentam-se no Jazzmania, Rio de Janeiro, dessa vez em duo, três anos depois, foi lançado em cd intitulado, " Raphael Rabello e Armandinho Macedo em concerto". Ainda em 1994, a convite do Violonista Laurindo de Almeida¹¹,

⁹ Rabello recebeu quatro vezes tal prêmio. Em 1991, com Carlão pelo disco conjunto; em 1992, pelo disco "Dois Irmãos" com Paulo Moura; e, em 1994 e 1995, como melhor solista (MARCONDES, 2000, p.659 *apud* Borges, 2008, pg 102)

¹⁰ Com Delicatesse, Rabello evoca seu lado erudito em interpretações magistrais de compositores como: Chopin, Tchaikowsky, Monti, Schumann, Ponce, Brahms, Schubert e outros.

¹¹ Violonista brasileiro que residia nos Estados Unidos desde 1947. Atuou como violonista e arranjador de centenas de filmes se tornando o músico brasileiro campeão em prêmios Grammy.

passou a residir em Los Angeles, (Estados Unidos) e por lá, leciona em uma escola de curso superior de música, onde também grava em duas tardes o cd intitulado, "Cry, my guitar"! Lançado 11 anos após sua morte.

Retornando ao Brasil, se tranca em estúdio para gravações do projeto "Mestre Capiba por Raphael Rabello e Convidados", no repertório, músicas do compositor pernambucano com interpretações de diversos artistas da música brasileira, tais como Chico Buarque, Paulinho da Viola, João Bosco, Ney Matogrosso, Gal Costa, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Milton Nascimento em duo vocal com o próprio Rabello, dentre outros. Não conclui o trabalho, pois, a mesma velocidade que o levava ao reconhecimento mundial, o tirava a vida, Raphael Rabello falecera em 27 de abril de 1995, aos 32 anos, no Rio de Janeiro¹².

Rabello foi casado com Liana Ventura e teve duas filhas, Diana e Rachel. Posteriormente casou-se com Ana Luiza Velho, que foi a viúva oficialmente.

3. Breve história do violão no Brasil

O violão durante os séculos esteve bastante presente na vida dos brasileiros como instrumento da boêmia, às margens da sociedade. Era utilizado pelos negros e seresteiros para acompanhamento de canções populares. Na Espanha em meados do século XIX, ganha nova e atual forma,

¹² Dois anos depois do acidente de taxi, fazendo exames de rotina, é detectado em seu sangue o vírus HIV, contraído através da transfusão de sangue, algo irresponsável e muito comum a época. A partir daí, sua vida vira um inferno astral. Rabello não aceitava a doença, passando a ter medo de morrer antes consolidar sua obra. Além de sofrer de apnéia, "interrupção da respiração durante o sono", passando então a não dormir mais, Raphael torna-se viciado em cocaína e anfetaminas, vivendo em um ritmo alucinado contra seu próprio tempo em permeio as drogas. Apesar de ser soro positivo, não desenvolveu a doença, sua morte prematura aos 32 anos, seis anos após a transfusão, foi atribuída a um enfarte durante o sono numa clínica para viciados em drogas.

"Não tem explicação pra isso. É uma tragédia até hoje pra todos. Uma fatalidade sem conformação. Um erro imperdoável da medicina. Ele foi contaminado numa transfusão de sangue e nem ele nem nós pudemos conviver com isso nunca." (LUCIANA RABELLO, entrevista concedida, 2010)

graças ao luthier¹³ espanhol Antônio Torres que altera a forma e o tamanho da caixa, deixando-a mais larga e em forma de oito.

Em meados do século XIX, começa a se difundir no Brasil a música da pianista Chiquinha Gonzaga e do flautista Antônio Callado “o choro”, primeiro gênero tipicamente brasileiro, onde posteriormente o violão passa a ser integrante indissociável. A partir daí, o violão começa a ganhar espaço de forma gradativa.

Em 1917, dois violonistas em turnê no Brasil assombram a crítica tocando violão de uma forma bem inusitada. O paraguaio “Augustín Barrios” e a espanhola “Josefina Robledo” eleva o instrumento e aos poucos ele vai ganhando notoriedade, Josefina permanece no Brasil e fomenta o método de Francisco Tárrega¹⁴.

Dentre as boas tradições brasileiras, a que se relaciona ao violão é, sem dúvida alguma, uma das mais importantes e prolíficas. Ao longo do último século, o violão brasileiro traduziu de forma eficaz e particular os principais aspectos da nossa cultura musical, fazendo parte dos mais variados tipos de manifestações culturais do nosso povo. De essência fortemente popular, o violão brasileiro foi também, durante o século passado, um instrumento de expressão de idéias musicais de grandes mestres eruditos como Heitor Villa-Lobos e outros. (PEREIRA, 2009).

A partir de então, cresce o interesse pelo instrumento, ainda que de uma forma autodidata pelo país, sobretudo no eixo Rio / São Paulo. No Rio de Janeiro aparecem as figuras de Satyro Bilhar e Quincas Laranjeiras como um dos precursores do choro. Em São Paulo, destacam-se Américo Jacomino (Canhoto) e Aníbal Augusto Sardinha (Garoto).

a. Os Transcendentes:

No século XX, o Brasil se consolida como uma das maiores escolas de violão do Mundo, através daqueles que chamaremos de violonistas

¹³ Palavra oriunda do francês que significa fabricante de instrumento de corda.

¹⁴ Nascido em 1852 na cidade de Villareal (Espanha), Tárrega, foi importante violonista. O método Tárrega está associado à postura, uso de banquinho, toque com apoio, estudo de peças eruditas etc, porém, nada foi teorizado, ou seja, uma maneira Tárrega .

transcendentes. Eles contribuíram com inovações estilísticas e técnicas, denotando uma peculiaridade inconfundível ao introduzir técnicas do violão erudito aos gêneros tipicamente brasileiros.

Essa escola de violonistas segue até os dias atuais, afinal, transcender é elevar o instrumento dando possibilidades de novas técnicas, expressão musical, composição, arranjo, e fusão de estilos. Atributos que não faltaram aos violonistas brasileiros do século XX.

O “Choro”, primeiro ritmo tipicamente brasileiro é o alicerce do violão nas primeiras décadas do século passado. Inicialmente o papel do violão limitava-se apenas como integrante dos conjuntos de chorões¹⁵. Apesar desse papel secundário, o choro influenciaria os maiores expoentes do violão brasileiro. Esses violonistas utilizaram os elementos do gênero para compor um repertório relevante para o instrumento, sendo “João Pernambuco” o pioneiro. A partir de então, o violão começa a elevar a sua importância, deixando de ser um instrumento meramente de acompanhamento para se tornar também um instrumento solista.

João Teixeira Guimarães ou João Pernambuco nasceu em jatobá, Pernambuco, em 2 de novembro de 1883. Ele era semi-analfabeto, e trabalhara como ferreiro. Aos 12 anos de idade, João começa a tocar viola por influência dos cantadores e violeiros de Recife, cidade onde morava nesse período. Em 1904 passa a morar no Rio onde residiam dois irmãos, levando consigo o violão.

João Pernambuco deixou um legado indiscutível, impossível ser violonista sem tocar suas músicas, sua obra foi gravada por diversos violonistas do Brasil e do exterior, salientando músicas como Interrogando, Graúna, Sonho de Magia e a ilustre Sons de Carrilhões¹⁶.

Contemporâneo a João Pernambuco, Américo Jacomino o “Canhoto, aparece tocando o violão com uma técnica peculiar, “o violão ao avesso”. Canhoto tocava em violão para destro, porém sem inverter as cordas. As

¹⁵ Músicos que integram o Regional de Choro.

¹⁶ Sons de carrilhões foi gravada por Rabello em seu primeiro álbum solo, “Rafael Sete Cordas de 1982, no disco de 1991 com Dino 7 Cordas e no álbum Relendo Dilermando Reis.

cordas agudas (Mi, Si e Sol) eram tocadas com o polegar da mão esquerda, enquanto que as graves (Ré, Lá e Mi) eram tocadas com os dedos anular, médio e indicador.

Canhoto divulgou o violão por todo o país através de viagens, concertos, e inauguração da primeira Rádio Educadora Paulista, posteriormente, Rádio Gazeta. Ele deixou aproximadamente cem composições de diversos gêneros, destacando Marcha dos Marinheiros, Marcha Triunfal Brasileira e a célebre valsa (Abismo de Rosas) ¹⁷.

Heitor Villa-Lobos, maior compositor brasileiro de todos os tempos, desbravador do período Nacionalista, agregou os elementos do folclore brasileiro a sua música. Villa-Lobos é um transcendente universal, sua música atravessou as fronteiras, sua obra para o violão é pequena, todavia, a mais sublime e executada do século XX, no total de vinte e três.

Villa-Lobos redimensionou o violão dando possibilidades técnicas inusitadas à época. Seus doze estudos para violão, dedicados ao violonista espanhol Andrés Segovia¹⁸, são objeto de estudo de todos os conservatórios no Mundo, Villa-Lobos é o paradoxo do popular e o erudito! Sua obra colocou o violão em pé de igualdade com qualquer outro instrumento, inserindo-o, as salas de concerto.

Isaías Sávio nasceu no Uruguai no ano de 1900, Sávio sistematizou o ensino do violão no Brasil, incluindo o violão como cadeira no “Conservatório Dramático e Musical” de São Paulo. Foi professor de ilustres violonistas em todo país como: Marco Pereira, Luiz Bonfá, Carlos Barbosa Lima, Toquinho, Paulo Bellinati e educadores como “Henrique Pinto”, que continuou o legado do Mestre, e hoje é o maior pedagogo do violão no país.

Jaime Thomás Florence, conhecido como Meira, ajudou a divulgar o choro pelo país ao integrar o Regional de Benedito Lacerda. Como professor, ensinou os caminhos do violão a dois dos maiores transcendentais deste país,

¹⁷ Gravada por Rabello no álbum “Relendo Dilermando Reis”.

¹⁸ Segovia, virtuose violonista que mudou o conceito do violão no Mundo, elevando o instrumento ao status de nobreza.

Baden Powell e Raphael Rabello. Como compositor, viu “Molambo¹⁹”, se tornar um clássico da música brasileira.

Aníbal Augusto Sardinha, o “Garoto”²⁰, foi um dos maiores violonistas brasileiros. Compositor de elegância à altura do violão, o violão popular para a aristocracia, Garoto, mescla elementos do jazz com gêneros como o choro e samba em forma homofônica, “melodia com acompanhamento de acordes”. Para muitos o precursor da bossa nova.

Dilermando Reis, virtuose e compositor de prestígio, gravou inúmeros discos, ficou conhecido em todo Brasil por ter sido também um violonista contratado pelas rádios, algo inusitado para um violonista, já que o rádio vivia sua época áurea de grandes cantores.

Dino 7 Cordas, o maior expoente deste violão, que ampliou os horizontes dando novas possibilidades técnicas, harmônicas e melódicas. Dino criou uma escola de violão de choro e samba que influenciou todas as gerações posteriores. Atualmente existe uma nação de seguidores deste violão, o chamado, 7 cordas tradicional.

Paulinho Nogueira é o paradoxo de simplicidade melódica e harmonia aristocrática, a elegância do violão brasileiro. Compositor de merecido reconhecimento destaque para “Bachianinha nº1 em homenagem a o compositor alemão “Bach”, inserida nos conservatórios internacionais.

Baden Powell, mágico, inventor, desbravador? Predicados não faltam a esse “Senhor das cordas”. Baden é o que chamamos de popular de concerto, aquele que conseguiu agregar os elementos da percussão em seu violão, criando possibilidades técnicas impressionantes, Baden Powell é a nova escola do violão brasileiro. Divisor de águas contribuiu em todas as vertentes para o violão do Brasil.

¹⁹ Molambo foi gravada por Rabello no álbum À flor da pele, e em versão solo de um cd coletânea intitulado, Os Bambas do Violão.

²⁰ Garoto era uns dos compositores favoritos de Rabello ao ponto de ter gravado um disco totalmente dedicado a ele. Algumas de suas composições foram gravadas mais de uma vez como é o caso de Lamentos do morro e Desvairada, quatro vezes cada.

João Gilberto, violonista de acompanhamento que influenciou todas as gerações posteriores com sua forma de tocar o violão. João assombra a crítica com o disco “Chega de Saudade” 1959, Um marco para a bossa nova, seu violão é considerado uma pequena orquestra, devido aos movimentos das vozes conduzidas em seus acordes. João deu ao ritmo a mesma importância com os demais elementos musicais.

Esses violonistas, direta ou indiretamente, tiveram relevante influência na vida e obra de Rabello, ele agregou e mesclou a partir de sua genial percepção, uma peculiaridade em seu violão, transformando-se no mais importante violonista após a era Baden Powell. “Quando eu comecei, ele estava muito caído, com Baden fora do país e a bossa nova esquecida”. (Raphael Rabello, 1991)

4. Contribuição Técnica

Rabello é a singularidade no estilo que provém de um hibridismo técnico concebido graças às influências de Heitor Villa-Lobos, Augustin Barrios, Radamés Gnattali, Garoto, João Pernambuco, Dilermando Reis, Dino 7 Cordas, Tom Jobim e Paco de Lucia e outros. Teve o choro como base musical onde se tornou um especialista ao ponto de ser apelidado como, “Mozart do choro”. Rabello redimensionou o choro com harmonias modernas, inserindo elementos da música flamenca, concebendo uma estética harmoniosa e significativa, no âmbito até então, tradicional.

Ele utilizava o dedo polegar da mão direita com apoio, recurso característico do gênero, recriando baixarias e inserindo os arpejos de extensão com ligados e cordas soltas, o que caracteriza “Campanella”, recurso bastante utilizado no violão erudito, principalmente por Villa-Lobos.

Rabello soube utilizar com originalidade os arpejos de extensão, fazendo com que soassem como a própria expressão da música. Nos estudos de compositores do violão erudito, esses arpejos são mais caracterizados pela técnica. (Dantas, 2003)

Tocava diversos estilos com uma identidade inconfundível. Além de exímio solista, era gênio no acompanhamento, sendo para muitos o maior em todos os tempos, seja em duo com outro solista, ou em duo com cantor, afirmando o violão no mesmo patamar do cantor, sem ser demasiado, preenchia todas as lacunas com contracantos de uma beleza musical sublime, dando um caráter camerístico. Para Rabello, não há hierarquia entre solista e acompanhador.

[...] Ele era capaz de ouvir uma Suíte Barroca, por exemplo, e tocar em seqüência uma versão ornamentada, talvez não de acordo com interpretação histórica, mas, perfeitamente harmoniosa e integra [...]

(Programa de Rádio do violonista Fábio Zanon)

Borges (2008) salienta o hibridismo de Rabello na gravação de “Retrato em branco e preto” de Jobim, no álbum “À flor da pele”. Nessa música, é citada a seção B do Prelúdio N° 5 de Heitor Villa-Lobos, com baixos tocados com rigor, fazendo alusão ao choro, além de técnicas do flamenco.

Suas inovações técnicas são atribuídas ao samba de forma ímpar, através da utilização do polegar alternadamente para cima e para baixo na condução dos baixos, nas acentuações, articulações, abafamentos e golpes, demonstrando sobremaneira seu hibridismo técnico, caracterizando um efeito flamenco e percussivo.

As técnicas do violão flamenco foram introduzidas no violão brasileiro por Rabello no final dos anos 1980. Esta fusão estilística criada por Rabello denota mais uma vez sua originalidade em se asseverar como violonista para posteridade. Os efeitos desta fusão são encontrados em diversos discos do músico, sobretudo no “Todos os Tons” 1992, que reúne música de Tom Jobim.

O álbum foi um marco na carreira do violonista, sendo editado no mundo inteiro. Como se tratava de algo atípico em relação a seu estilo, Rabello recebeu inúmeras críticas sobre suas aflamencadas²¹ ao estilo bossa nova de Jobim.

²¹ “Acho que nego pode até não gostar de mim não, pelo menos quando eu toco a pessoa sabe que sou eu que estou tocando” (RABELLO, *apud* BORGES, 1991)197.

(LUCIANA RABELLO, entrevista concedida, 2010)

A influência da música flamenca na verdade já vinha desde a infância. Nosso avô materno era violonista e morávamos com ele na mesma casa. Ele era professor de violão também e, apesar de não ter tido tempo de dar aulas a Raphael (ele morreu quando Raphael tinha 7 anos - 1 anos antes dele começar a tocar violão), foi ele que apresentou a escola flamenca a nós todos. Temos uma irmã, e Helena, que é professora de dança flamenca também. Esse avô, José de Queiroz Baptista, era paraibano. Sabemos que a influência moura no nordeste foi imensa. Ficamos afastados dessa cultura por muito tempo, mas ela estava ali, no nosso DNA, nas informações colhidas na infância, nas nossas melhores lembranças. Quando Raphael conheceu o Paco de Lucia e ficaram amigos, essa memória foi reavivada. Entendo que essa admiração pela cultura flamenca é inevitável a um violonista, pois entendo que o Brasil e a Espanha são os países que mais aprofundaram o estudo e a técnica desse instrumento. Mas, sua "passagem" pelo flamenco não lhe acompanhou até o fim dos seus dias por aqui. No último disco que ele gravou - Cry My Guitar - essa presença já estava mais diluída.

Para Luís Nassif:

...No momento, Rafael Rabello já é o mais técnico dos violonistas brasileiros e – questão de idade – prisioneiro de sua extraordinária técnica. Algumas vezes o excesso de ranqueados cansa, o virtuosismo encobre o intérprete, maculando interpretações antológicas. Mas, é mera questão de tempo para que Rafael deixe de ser perdulário e descubra os méritos das pausas, da interpretação matizada, intercalando explosões e sentimentos. Falta apenas esse comedimento para transformar o mais técnico no maior dos violonistas brasileiros. (Revista do cd, ano 1, nº 2, PG 37, maio de 1991 Editora Globo).

5. O Violão de Sete Cordas

O violão de sete cordas foi introduzido no Brasil em 1920, pelo violonista “China”, irmão de Pixinguinha²², todavia, as primeiras gravações do instrumento são atribuídas a “Tute”. A partir dos anos 1950, o instrumento se consolida a partir da relevante contribuição de “Dino 7 Cordas”, maior expoente do instrumento, e que, influenciou todas as gerações posteriores, principalmente Rabello.

²² Alfredo da Rocha Viana Filho, nasceu no Rio de Janeiro em 1897, compositor, flautista, saxofonista e arranjador, contribuiu decisivamente para que o choro se tornasse um dos mais importantes gêneros musicais do Brasil.

Borges (2008) dividiu a trajetória musical de Raphael Rabello em duas fases. A primeira fase refere-se ao violão de sete cordas tradicional com cordas de aço e dedeira. Ele começa imitando as frases contrapontísticas de Dino 7 Cordas e em seguida suas próprias variações, período este em que o discurso musical é basicamente o choro. A segunda fase está associada ao violão solista de seis cordas e sua asseveração como precursor do Sete cordas concertista

Em 1980, Luiz Otávio Braga encomenda ao luthier Sérgio Abreu²³ um violão de sete cordas cujas características sejam semelhantes ao violão de concerto, visando novos timbres para o conjunto “Camerata Carioca” de Radamés Gnattali. A partir daí, Rabello reinventa o referido instrumento já com cordas de nylon, empregando-lhe novas possibilidades técnicas, asseverando o violão de sete cordas em salas de concerto. “Eu vim com a missão, a que me propus, de colocar o violão no lugar merecido, porque a música e o violão se confundem.” (Raphael Rabello), entrevista concedida à jornalista Bia Reis, Programa Choro Livre/ Rádio Nacional – DF/1994.

A influência de Rabello no violão sete cordas, é notável em todo o país, notamos como é impressionante o número de jovens tocando esse instrumento da forma não tradicional, e, até tradicional com cordas de nylon.

(LUCIANA RABELLO, entrevista concedida, 2010)

Raphael abriu as portas pra essa nova forma de tocar o violão de 7 cordas que hoje é tão difundida no mundo todo. Mostrou todas as possibilidades do instrumento, tornando-se a sua referência máxima. Cumpriu sua função, sem dúvida.

6. O Compositor Raphael Rabello e a Concepção Idiomática dos seus Arranjos

Rabello compôs dezoito canções que ganharam letra de dois poetas da música brasileira: Paulo César Pinheiro e Aldir Blanc. Essas canções, foram

²³ Sérgio Abreu é considerado um dos mais brilhantes violonistas brasileiros em todos os tempos. Formou com seu irmão Eduardo Abreu, o maior Duo de Violões do Mundo, entre os anos de 60 e 70. Sua gravações são objetos de estudo e admiração em todo o planeta, e são comparadas às gravações de Andrés Segovia e Julian Bream. A partir de 1980, Sérgio começou a construir violões, sendo atualmente um dos melhores luthiers do Mundo.

lançadas em cd pela Acari Records, no ano de 2001 a partir da gravação de fitas kassetes do projeto Dois por Quatro que aconteceu no Rio de Janeiro em 1993. Intitulado “Todas as canções”, em duo com sua irmã e cantora Amélia Rabello. Destaque para a valsa Sete Cordas²⁴, composta quando tinha quatorze anos. Rabello compôs também algumas músicas instrumentais como, Meu avô e Pedra do Leme, esta em parceria com o violonista Toquinho.

“...E aí começo a ver
Que eu nunca fui sozinho
Meu violão me acompanhou
Por todo o meu caminho
E isso eu quero agradecer
Fazendo uma canção
Falando de você,
Amigo violão,
Que comigo estará
Até eu morrer”.

“Sete Cordas” (Raphael Rabello e Paulo César Pinheiro)

[...] A partir do poema Sete Cordas, que ele escreveu para uma valsa minha, eu fiquei estarelecido. Tomei gosto e vi, nessa poesia, a história da minha vida sendo contada, e me vejo inteiro nesses versos até hoje. (Raphael Rabello em entrevista por ocasião do show dois por quatro).

Como compositor, Rabello não teve tempo de consolidar sua obra, entretanto, como arranjador é incomensurável o seu legado. Rabello tinha uma ótica genial de como transcrever para o violão, seja na escolha da tonalidade, inserção de introdução, interlúdio, improvisação, citação, fusão estilística, etc, o que corrobora sua singularidade ao estilo híbrido, seja em arranjo solista ou acompanhador.

Seus arranjos são objetos de estudo para violonistas de gêneros distintos. Muitas vezes é considerado um co-autor devido a sua capacidade de reler sem caricaturar, introduzindo em alguns momentos, uma versão definitiva.

²⁴ A valsa foi gravada seis vezes por Rabello nos álbuns: Rafael Sete cordas 1982, Amélia Rabello 1989, Leite de Coco 1994, Todas as Canções 2001, Cry, my guitar 2005, e no Programa Ensaio 1993, lançado em cd em 2003. A letra completa de Sete Cordas encontra-se em anexo.

(LUCIANA RABELLO, entrevista concedida, 2010)

Realmente, todo grande interprete é um co-autor. No caso de Raphael, isso é nítido em todas as suas interpretações. Assisti muitos momentos de criação dele porque começamos a tocar juntos, morávamos juntos grande parte da vida. Ele criava seus arranjos (se é que podemos chamar assim!) simplesmente tocando! Não escrevia, apesar de saber escrever música muito bem, porque não tinha sentido escrever pra ele mesmo tocar. Tocava horas e horas seguidas todos os dias. Passava a maior parte do dia com o violão na mão. Tocar pra ele era como falar, respirar. Criava todo o tempo, portanto. E era tocando que vinham as idéias.

Rabello transcreveu e releu obras de violonistas, como também de compositores da MPB, Noel Rosa, Tom Jobim, Caetano Veloso, etc. Alguns arranjos conceberam-se uma estética avessa a original, como é no exemplo de “Sampa” de Caetano Veloso, onde ocorre mudança de tonalidade, afinação da 6ª corda em Ré, supressão do ritmo, tremulo, rasgueos, escalas e arpejos rápidos, ritornellos²⁵ no meio da seção, coda²⁶, o que denota mais uma vez o caráter híbrido.

A transcrição integral de peças para violão solo interpretadas por Rabello revelou a presença de elementos tradicionais e não-tradicionais, tanto em composições próprias como em arranjos. Algumas peças foram concebidas dentro de um universo musical híbrido enquanto outras mantiveram características predominantemente tradicionais, e outras ainda trouxeram elementos não-tradicionais pontualmente. Sob uma perspectiva ampla, destacamos que tal hibridez refletia um processo de transformação de uma cultura musical de uma geração que estava buscando novas referências musicais. (BORGES, 2008, pg 149)

Exemplos de arranjos que asseverou Rabello como maior referência para os violonistas, e até mesmo para músicos de outros instrumentos, devido às inserções de elementos concebidos, e a sua emocionante interpretação:

Lamentos do morro, Desvairada, O vôo da mosca,
Conversa de botequim, Odeon, Ainda me recordo,
Graúna, Interrogando, Modinha, Luiza, Passarim, Garoto,

²⁵ Palavra de origem italiana que significa retorno.

²⁶ Oriunda do italiano, que em português significa cauda, expressão usada para trecho introduzido no final da música.

Sampa, e versões antológicas de acompanhamento para voz ou outros instrumentos.

7. As Escolas de Músicas Influenciadas por Raphael Rabello

a. Escola de Choro Raphael Rabello

Pioneira do gênero no país, a escola está localizada na cidade de Brasília. Tinha Rabello ao lado de Henrique Filho, o Reco do bandolim, um de seus mentores. A escola foi criada em 1998, para sistematizar o ensino do choro no Brasil com paradigma da escola americana Berkeley, que é focada no Jazz.

b. Escola Portátil de Música (EPM)

Localizada no Rio de Janeiro, é dirigida por Luciana Rabello e Maurício Carrilho. Uma ideologia de Rabello junto a sua irmã em consolidar um gênero de suma relevância, o “Choro”. Não era apenas um genial violonista, era também um empreendedor da cultura brasileira.

(LUCIANA RABELLO, entrevista concedida, 2010)

Tinhamos um sonho desde meninos de criar a Universidade de Música do Brasil. Esse sonho nasceu quando tivemos que escolher um curso superior e não achamos nenhum que tratasse da música popular do Brasil. Não havia os cursos que hoje estão por aí. Daí esse nosso desejo de criar a tal Universidade. Hoje, existe a Escola Portatil de Música, que considero uma consequência desse mesmo sonho da nossa juventude. Realizo esse trabalho também como uma forma de homenagear meu irmão. Ele certamente estaria conosco nessa empreitada. Olhando os nossos mais de 800 alunos, quantas vezes penso como Raphael gostaria de ver o que conseguimos realizar nesses 10 anos de existência da EPM!

c. A Dinastia Rabelliana

O estilo idiomático de Rabello sobrepujou os tempos, dando seguimento à fantástica escola do violão brasileiro. Rabello deixa uma orfandade de músicos que seguem corroborando sua escola.

Os órfãos: Rogério Caetano, Marcelo Gonçalves, Alessandro Penezzi, Yamandú Costa, Euclides Marques, Fabiano Borges entre outros.

(LUCIANA RABELLO, entrevista concedida, 2010)

Uma pessoa determinada, com inteligência e talento acima da média, com a emoção à flor da pele, meigo, doce com aqueles que amava, humanitário, espiritualizado, emotivo, dono de grande intuição, profundo em tudo que fazia, perfeccionista ao extremo. Um ser humano denso. Meu irmão. Especial desde que nasceu. Único como todos nós, mas sem similares.

8. Considerações finais

A presente pesquisa revelou a contribuição histórica, técnica e estética do violão brasileiro para a posteridade. Uma escola que teve sua origem no choro em meados do século XIX, como mero acompanhador, e posteriormente, da dinastia de violonistas iniciada por Américo Jacomino, o “Canhoto”.

O violão e a música popular se consolidaram no século XX como expoentes inseparáveis a cultura do país, seja através do choro, ou dos movimentos musicais como a “Bossa Nova”, que influenciou todas as gerações de músicos, inclusive Rabello.

Apesar da relevante influência de Raphael Rabello para o violão do Brasil e do Mundo, ainda vivemos sobre a insipiente cultura em relação à escassez de material sobre o violonista, seja na edição de partituras, dvd's, cd's, livros, ou até mesmo no âmbito educacional.

Em relação às duas fases musicais de Rabello citada por (Borges) 2008, observamos a maturidade de um jovem violonista com ideais à flor da pele. Sua carreira foi marcada pelo redimensionamento do choro e do instrumento.

O legado deixado por Rabello é incomensurável, sobretudo no violão de sete cordas, “solista e acompanhador”. Suas inovações revelaram sobremaneira a conjuntura de técnicas que consolidaram seu estilo. Estilo idiomático caracterizado pela fusão lograda por ele. Fusão esta que revelou um estilo híbrido oriundo do amplo conhecimento de gêneros musicais.

A pesquisa evidenciou também a trajetória de Rabello no âmbito da MPB, revelando a nobreza dos seus acompanhamentos para asseveração do violão em diálogo a altura do cantor (a), corroborando uma vertente até então pouco explorada pelos violonistas.

Acreditamos que este artigo possa contribuir para a educação musical do país, preservando e consolidando o legado musical de Raphael Rabello. O educador musical poderá introduzir nas instituições de ensino o legado de um dos mais brilhantes violonistas brasileiros, seja do ponto de vista histórico, técnico ou artístico.

Dedicado àquele que me mostrou os caminhos do violão com sua
genialidade e originalidade.
(*in memoriam*) Ao maior violonista brasileiro de todos os tempos,
Raphael Rabello.

9. Obra autoral de Raphael Rabello

Anel de ouro (Raphael Rabello / Aldir Blanc)
Aquela ilusão (Raphael Rabello / Afonso Machado)
Cá entre nós (Raphael Rabello / Luciana Rabello)
Camará (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
Choro em dó menor (Raphael Rabello)
Choro em lá bemol menor (Raphael Rabello / Dininho e Cristóvão Bastos)
Choro em lá menor (Raphael Rabello)
Choro em si maior (Raphael Rabello)
Cofre vazio (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
Dois amores (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
Flor do sono (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
Galho de goiabeira (Raphael Rabello / Aldir Blanc)
Insaciável (Raphael Rabello)
Martírio (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
Meu avô (Raphael Rabello)
Mineirinho atravessado (Raphael Rabello / Luís Moura)
Moleque do Gantois (Raphael Rabello)
Mulher da vida (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
O sorriso da Luciana (Raphael Rabello)
Olho d'água (Raphael Rabello)
Ouro e fogo (Raphael Rabello / Aldir Blanc)
Paixão (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
Pedra do Leme (Raphael Rabello / Toquinho)
Peito aberto (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
Ponto de vista (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
Retrato de saudade (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
Salmo (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
Serenata da saudade (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)
Sete cordas (Raphael Rabello / Paulo César Pinheiro)

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Luís Fabiano Farias. **“Trajetória estilística do choro: O idiomatismo do violão de sete cordas, da consolidação a Raphael Rabello”**. Dissertação de Mestrado, UnB, 2008.

COMPACT DISC, Revista do CD. Ano 1 - N° 2, Maio de 1991. **Tom no violão de Raphael Rabello**. Editora Globo.

DANTAS, Erivaldo. **Jornal Tri Center ano 13**. N° 62, Setembro de 2006, www.tricenter.com.br.

FABIANO, Ruy. **“Tragédia carioca em dois tempos”**. Jornal O Estado de São Paulo, 01/12/1996.

NUNES, Alvimar Liberato. **“Interpretação, arranjo e improvisação de Rafael Rabello em Odeon de Ernesto Nazareth”**. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2007.

PEREIRA, Marco. **Texto criado para Trio de Violões integrados por Marcos César, Marcos Bezerra e Erivaldo Dantas**. Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 2009.

SANTOS, Turíbio. **Biografia**. <http://www.turibio.com.br>. Acessado em 11/06/2010.

SOUZA, Tarik. **Rafael Rabello o Violão do Brasil**. Jornal do Brasil, Domingo, ano 16, N° 791, 30/06/1991.

TAUBKIN, Myriam (org.). **Violões do Brasil**. Taubkin e Maria Luiza Kfourri, Turíbio Santos, Maurício Carrilo e Luís Nassif. Textos do capítulo I, II e III: Maria Luiza Kfourri. São Paulo, 2007, Editora SENAC, São Paulo, 2ª Edição.

VIOLAOPRO, Revista. N° 27, 2010. **Genialidade no choro, Raphael Rabello**. Editora M&M.

VENTURA, Rick. **Raphael Rabello- O Fenômeno**. Artigo disponível em: <http://brazilianmusic.com/articles/ventura.html>. Acessado em: 10/03/2010, 2004.

www.dicionariompb.com.br/raphael-rabello/obra. Acessado em maio de 2010.

ZANON, Fábio. **Programa de rádio em homenagem a Raphael Rabello”**. 26/11/2008, acessado em 17 de abril de 2010. <http://vcfz.blogspot.com/2008/11/152-raphael-rabello.html>

ENCARTE DE LONG PLAY/COMPACT DISC E VÍDEOS

CULTURA, TV (org.). **Programa “Mosaico”: A Arte de Raphael Rabello**, programa exibido na TV Cultura, 2008.

CULTURA, TV (org.). **Programa “Ensaio” com Raphael Rabello**, programa exibido na Tv Cultura, 1993.

GUIMARÃES, José Pascoal. **Vídeo amador de Raphael Rabello**. Belo Horizonte, 1991.

RABELLO, Raphael. **Mestre Capiba por Raphael Rabello e convidados**. BMG, 2002.

RABELLO, Raphael. GNATTALI, Radamés. **Tributo a Garoto**. Barclay(LP)/Funarte-Instituto Itaú Cultural. (LP/1982), (CD/1999)

RABELLO, Rafael. **Interpreta Radamés Gnattali**. Vison, 1987.

SBT, TV, Programa “**Jô Soares onze e meia**”: Entrevista com Raphael Rabello, 1990.

ENTREVISTA

RABELLO, Luciana. **Entrevista Concedida por e-mail, Rio de Janeiro**. Em 4 de maio de 2010, 0:25:47, Salvador.